

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A reinvenção do anarquismo como tradição da classe trabalhadora: de 1986 a 1995.

Dr. Carlos André dos Santos.

O anarquismo como uma ideologia/doutrina socialista libertária¹ nasce no fim do século XIX, no interior das classes oprimidas em contraposição à centralização do poder econômico, político e cultural/ideológico produtores de hierarquizações, clivagens e desigualdades sociais que impedem o ser humano de alcançar o máximo de suas capacidades e gozar de igualdade e liberdade social.

As correntes anarquistas² possuem diferentes formas de articular as diferenças relacionando *o viver a anarquia*³ e a ruptura revolucionária, em comum, tem na classe oprimida e explorada, o único sujeito com a capacidade de realização de uma ruptura com todas as relações assimétricas de poder centro e periferia da qual a dominação estatal/capitalista são a parte mais forte, mas não as únicas relações que devem ser rompidas. Por isso, analisar a historicidade do anarquismo no Brasil no tempo presente requer assumir por um lado, as dimensões liliputianas que a militância anarquista em termos de influência política, por outro lado, seus esforços para reorganizar-se nacionalmente.

A expressão a reinvenção do anarquismo como tradição da classe trabalhadora está sendo utilizada para periodizar, a partir da segunda metade dos anos 1980, as iniciativas da militância anarquista que se direcionam para a inserção a setores e categorias das classes oprimidas e exploradas e de articulação federativa de organizações anarquistas com objetivo de retomar influência do anarquismo na vida política do país.

¹ Felipe Correa Pedro (2012) partindo de definições de organizações e militantes anarquistas, o define o anarquismo como ideologia/doutrina, um conjunto de pensamento e ação desenvolvido historicamente no intuito de intervir na realidade para transformar as relações de poder, estabelecer objetivos, leituras das realidades estruturais e conjunturais sobre as relações de dominação e opressão, que permitem traçar táticas e estratégias, com objetivos de combate à dominação e opressão nas esferas da economia, política e cultura.

² Gaetano Manfredonia (2007), em *Anarchisme et changement social: insurreccionalisme, sindicalisme, éducationnisme-réalisateur*, sugere que se pode tipificar o anarquismo em insurreccionalista, sindicalista e educador-realizador. Os tipos ideais não se encontram em estado puro, não são tipos que se opõem, mas que podem suceder um ao outro ou coexistir em combinações variadas dependendo das necessidades e do contexto político e social. Em seus estudos sobre o anarquismo francês o autor teria passado uma fase insurreccionalista inicial entre os anos de 1878 e 1886, uma reorganização sindicalista em 1888, e um breve retorno ao insurreccionalismo entre os anos 1892 e 1894, seguido pela visão sindicalista.

³ Viver a anarquia em o sentido propositivo em prol de uma sociedade federalista, autodeterminada e autogestionária e de prefiguração política como vivência que busca desconstruir hierarquizações, opressões e formas de dominação no presente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Destacamos a popularização das concepções antiautoritárias pela contracultura punk, a tentativa de rearticular a Confederação Operária Brasileira, a reabertura de espaços libertários fechados durante ditadura, os eventos libertários nacionais e internacionais e a atuação de anarquistas em movimentos de ocupação urbana, como impulsionadores de circulação de militantes e ideias desse período.

A contracultura punk

Nos anos 1970 e início dos 1980 as atividades dos jornais anarquistas como o *Inimigos do rei e Dealbar*, do Movimento Estudantil Libertário (MEL) e também os encontros no apartamento de Ideal Peres e Esther Redes, no Rio de Janeiro, no espaço Nossa Chácara, em São Paulo, destacam-se tanto por sua resistência em um período autoritário, como também por uma questão estratégica, qualquer que seja a ideologia que queira sobreviver ao tempo vai depender da renovação de seus quadros, ou seja, como diria Ideal Peres: “qualquer movimento aí só poderá progredir e tomar corpo se for iniciado e orientado por jovens estudantes. Acredito sinceramente que os velhos companheiros não estão mais em condições físicas e culturais para um reativamento de movimento” (SILVA, 2018, p. 355).

A importância das relações intergeracionais para o anarquismo brasileiro pode ser sintetizada na afirmação de que enquanto o movimento estudantil e a imprensa libertária dos anos 1970 e início dos anos 1980, com fortes marcas da contracultura de sua geração, gozando de uma liberdade relativa para movimentar-se durante o regime militar, ainda que sofressem as perseguições e tivessem que suspender suas atividades em momentos mais críticos, foram importantes para manter o anarquismo vivo fazendo a crítica e o combate às relações de dominação utilizando referências culturais próprias da sua geração. A importância dos militantes mais velhos, em seus encontros clandestinos (onde eram convidados também anarquistas mais jovens) foi de manter estrategicamente viva as perspectivas das correntes associadas ao anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário em sua estratégia de organização de massa.

A contracultura punk chegou ao Brasil no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando a ditadura militar brasileira dava sinais de esgotamento, ainda assim a adesão juvenil ao punk despertou o interesse dos meios de comunicação de massa e do governo militar, porém com uma relativa diferença. Os meios de comunicação de massa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

condenavam ou exaltavam o punk conforme os gostos de suas audiências para fins comerciais, já o governo colocava os punks como ameaça a ser reprimida por “esculachos” constantes da polícia nos seus pontos de encontros e eventos.

Existe uma diferença, no Brasil, entre as contraculturas dos anos 1960 e 1970 e a contracultura punk dos anos 1980, enquanto as primeiras eram muito mais acessíveis e adotadas pelos jovens universitários com um capital cultural elevado, a contracultura punk, além dessa camada social, tornou-se uma subcultura adotada também por jovens das periferias pobres, inicialmente em São Paulo e adjacências, depois Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Salvador, João Pessoa, Campo Grande, Recife e Belém.

De acordo com Rogério Nascimento (2017) em João Pessoa o primeiro coletivo anarco-punk o Grupo Ação Libertária foi formado por membros do coletivo Pro-COB, em 1988, mas os contatos dos punks da capital da Paraíba com outros grupos já aconteciam disso por meio dos contatos das bandas em festivais em Campina Grande, Recife e Natal. O mesmo autor aponta a participação de punks e anarquistas de outras tendências como os coletivos pro-COB, na iniciativa da criação do Movimento Anarquista do Norte e Nordeste que chegou a realizar quatro encontros - 1º em João Pessoa/PB em 1989. O 2º em Aracaju/SE em 1990. O 3º em Natal/RN em 1991 e o 4º em Belém/PA em 1992. O MANN se dissolve em 1993, em Belém é criado a Liga de Trabalhadores de Ofícios Vários.

Em São Paulo, onde o punk brasileiro começou, o interesse pelo anarquismo foi levou os adeptos da subcultura a participarem das atividades públicas do Centro de Cultura Social, reaberto em 1985, mas a aproximação dos punks ao anarquismo podiam ser conflituosas intergeracionalmente nesse espaço. Os conflitos giravam em torno da valorização da “atitude” da subcultura punk no sentido de auto expressão individual nos comportamentos e visualmente “agressivos” ainda que não fosse uma regra como no trecho quando a entrevistada Nenê Altro da Juventude Libertária fala de Jaime Cubero.

Sempre fui muito bem tratada no CCS, o Jaime passava horas me explicando as coisas. Tinha professores ali, que sentavam ao meu lado e ensinavam coisas, de publicação, disso, daquilo, como chegar nas pessoas. Mas a verdade é que o punk chocava muito.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Eu conheci muitos anarquistas que eram cabeça fechada. É normal, cara, cada um tem a sua limitação, o seu crescimento. O Jaime Cubero, pelo que fiquei sabendo, chegava no Isaac, um cara que foi da Juventude Libertária, e dizia: "Esses caras aqui estão falando de anarquismo, vai lá falar com eles." E o Isaac ia lá convidar o pessoal pra ir no CCS. Ele tinha essa visão, porém outros, não. Nêne Altro. Juventude Libertária. Entrevistado por Eduardo Ribeiro⁴.

A atitude de expressar abertamente a homoafetividade que causava um certo estranhamento aos militantes anarquistas mais velhos no CCS-SP, ainda que não assumissem abertamente uma postura de recriminação. Nos espaços frequentados por punks se traduzia em homofobia: “Era comum os anarcopunks serem chamados de ‘viadinhos’ ou ‘anarcobichas’ pelo pessoal das gangues”⁵. Ainda que os espaços frequentados por punks pudessem ser contraditórios em relação a constituição de uma cultura libertária, a circulação de fanzines, fitas K7, das GIGs⁶ e mais tarde a criação de *squats* ou *okupas* como se chamam na Espanha e América Latina as casas ocupadas que servem como moradia e base político-cultural⁷ engendraram uma “anarquização” ideológica em direção ao socialismo libertário.

Como afirma Lucien Van der Walt que “é muito difícil sustentar que, apenas recentemente, a crítica anarquista passou a se preocupar com as relações de poder interpessoais, a opressão de gênero, raça, nacionalidade, o imperialismo, o consumo, a cultura e a ecologia” (VAN DER WALT, 2019. p. 8), essas preocupações, a participação dos punks anarquistas nos espaços anarquistas, nos protestos e companhias de movimentos

⁴ RIBEIRO, Eduardo. Uma história oral do anarcopunk em São Paulo. **Revista Vice**, online 13 jul. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/bjvx5m/historia-oral-anarcopunk-parte-1. Acesso em: 10 jun. 2020.

⁵ RIBEIRO, Eduardo. Uma história oral do anarcopunk em São Paulo. **Revista Vice**, online 13 jul. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/bjvx5m/historia-oral-anarcopunk-parte-1. Acesso em: 10 jun. 2020.

⁶ Expressão idiomática usada nos Estado Unidos que se refere festivais que reuniam no mesmo espaço atividades voltadas para distribuição e troca de materiais, shows e palestras.

⁷ Conforme Cleber Rudy (2019), o primeiro *Squat* anarcopunk foi criado em 1993, em Florianópolis, em um prédio abandonado de 15 cômodos, na Alameda Adolfo Konder, que havia pertencido a várias associações entre elas a dos trabalhadores da Secretaria de Turismo de Santa Catarina. O objetivo dos 10 anarcopunks com a ocupação era que o exemplo fosse seguido por outros adeptos da cultura *underground* e minorias e que o espaço funcionasse para abrigar uma miscelânea de atividades. Outros *squats* mencionados pelo autor são *Squat Kaaza* na periferia de Curitiba (PR), *Squat Payoll* também em Curitiba, *Squat Teimosia* no Bairro Bonfim, em Porto Alegre, também no Rio Grande do Sul as ocupações Resist e Colina. Em São Paulo os *Squats* Pomba Negra, Dandara e Guiana. Em Santa Catarina o *Squat Korr-Cell* na cidade de Blumenau.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

populares e anarquista vai consolidar o Movimento Anarcopunk (MAP), quase que simultaneamente em todas as regiões brasileiras.

Apesar do MAP ir perdendo sua organicidade como um movimento sociocultural ao longo dos anos 2000, em decorrência de divergências internas, outras variações da contracultura punk anarquista não deixam de ter importância e influência na difusão do anarquismo e na constituição dos movimentos autonomistas nos anos 2000 (SANTOS, 2010), e ex-punks vão se tornar importantes articuladores da Coordenação Anarquista Brasileira (ROCHA; SANTOS; PENNA; VIANA SILVA, 2018) e de outras correntes anarquistas no Brasil ainda hoje.

Núcleos pró-COB

A Primeira Jornada Libertária realizada em Florianópolis, nos dias 21, 22 e 23 de fevereiro de 1986, foi um importante evento para rearticulação do anarquismo, mas abrangeu quase que exclusivamente a região Sul. Uma iniciativa, em boa parte, de militantes do Rio Grande do Sul vinculados ao Centro de Estudos em Pesquisas Social de Caxias do Sul, da Editora A, ambos de Porto Alegre e do Coletivo Inimigo do Rei, teve a participação de uma centena de pessoas provenientes de vários estados e contou com apoio internacional de organizações como a Confederação Nacional do Trabalho da Espanha, Federação Operária Regional Argentina (FORA) e Agora Libertaire da França.

Dois documentos produzidos pelos organizadores do evento esclarecem que 92% conheciam o anarquismo a menos de oito anos e tinham abaixo de 25 anos de idade, sendo que 25% tinham alguma filiação partidária (não especificada) e o interesse de 55% dos participantes era pela troca de experiências, com questões práticas e com a reorganização do anarquismo⁸, dados que corroboram com afirmação de Rudy (2009) de que os anos 1980 foi um período que o anarquismo brasileiro possuía uma forte presença contracultural punk.

⁸ O esquema está disponível na página do Sindicato de Artes e Ofícios Vários de Florianópolis, nela é informado que o sindicato faz parte da Federação Operária de Santa Catarina (FOSC) ligado a Confederação Operária Brasileira e Associação Internacional do Trabalho. Não existe referência ou documentações que comprovem a existência da FOSC, quais organizações e que municípios atuavam. Porém segundo a ata de fundação do SINDVARIOS (<http://sindvARIOS-floripa.blogspot.com/2011/>), se tratava de uma organização sindicalista revolucionária que se contrapunha às teses do plataformismo anarquista e tinha por objetivo estabelecer o comunismo libertário no território catarinense.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O historiador Cleber Rudy (2009) menciona que no evento estavam presentes alguns punks integrantes da banda paulista “Excomungados”, “destacavam a necessidade de se investir numa pedagogia revolucionária, para despertar nas crianças ‘o germe da contestação’ (RUDY, 2009, p. 30). Para ele, a participação do grupo no encontro tem sua origem no festival O Início do Fim do Mundo, sendo que banda foi criada em 1983, e dela fazia parte de um grupo de jovens que moravam na ocupação do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), envolvidos também nas campanhas pelo voto nulo, em protestos antinucleares e em atividades do Centro de Cultura Social (CCS) de São Paulo.

Para Rudy (2009), apesar do evento não equacionar as diretrizes para o movimento libertário como um todo, ele nascia de uma perspectiva de se avançar na luta social e libertária e de rearticular as organizações autônomas dos trabalhadores. Durante o encontro, foi debatida a recriação da COB, filiando-se à AIT, a partir de núcleos articulados por categorias específicas, visando “[...] devolver aos trabalhadores uma perspectiva de organização social com base no trabalho, sem intermediários” (Brochura – Jornada Libertária, p. 12 apud RUDY, 2009, p. 28), pautada pela autogestão e ação direta. E ainda em conformidade com o autor, dessa perspectiva surgem núcleos na Bahia, no Pará, no Rio Grande do Sul, no Distrito Federal e em São Paulo, que a partir de 1988 passaram a editar o periódico *A Voz do Trabalhador*.

Em 1987, realizou-se em Salvador o II Congresso Nacional Pró-COB, onde se deliberou a carta de princípios dos núcleos Pró-COB:

O 2o Congresso Anarcossindicalista reafirma que o caminho para a superação do capitalismo deve ser trilhado pelo povo, para que seja eliminada toda exploração. Os anarcossindicalistas brasileiros entendem que se trata de um processo de revolução social que seja capaz de eliminar toda autoridade governamental, partidária e patronal.

Propomo-nos a construir um dos caminhos para essa meta e esse caminho é a reconstrução da Confederação Operária Brasileira, um movimento nacional que reunirá agrupações livres de trabalhadores, empregados, desempregados e trabalhadores autônomos. Um movimento que atuará

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

na luta contra o Estado e seus instrumentos de dominação (Polícia, Justiça, Parlamentos, Forças Armadas, Escolas, Sindicatos Oficiais, Capitalistas, Partidos Políticos) visando a sua completa destruição – para que seja possível a construção de uma sociedade nova, verdadeiramente socialista e livre (O Inimigo do Rei, n. 22, 1988 apud RUDY, 2009, p.29).

A carta de princípios dos núcleos pró-COB, apesar de se remeter, evidentemente, à COB de 1906, se distingue dela em relação ao emprego da proposta anarcossindicalista e não sindicalista revolucionária. A outra diferença em relação à COB do início do século XX é que os núcleos pró-COB não eram constituídos por operários, mas por outros trabalhadores assalariados e profissionais liberais, como professores, bancários, arquitetos, jornalistas, engenheiros e estudantes universitários.

Segundo Rudy (2009), outro ponto debatido durante o encontro dos núcleos pró-COB, foi a atuação dos anarquistas frente à Constituinte. O encaminhamento do encontro discorria sobre a criação de plenárias libertárias visando impulsionar as discussões dentro do movimento anarquista e entre a população para a elaboração de um projeto de uma “Constituinte Paralela”, de caráter popular (plenárias articuladas por cidade, estado, região e confederadas nacionalmente) e um maior entrosamento dos anarquistas com os movimentos sociais com o objetivo de criar grupos de pressão para cobrar os congressistas e demais segmentos político-partidários envolvidos na elaboração da nova Constituição.

Os jornais anarcossindicalistas *Ação direta* (São Paulo)⁹, *O Anarco Sindicalista* (Centro-Sul) e o *Ovelha negra* (Belém), órgãos de divulgação dos coletivos pró-COB e o *Combate sindical* (São Paulo) que tinha entre seus colaboradores Edgar Rodrigues, com o objetivo constituir-se dentro de um quadro maior de correlações de forças políticas e de uma estrutura econômica do capitalismo dependente brasileiro faziam a defesa da auto-organização dos trabalhadores, da ação direta, educação libertária e teciam críticas aos sindicatos dirigidos pelos partidos, atrelados ao governo e ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

⁹ Criado a partir das reuniões do grupo de apoio a Associação Internacional no Brasil que levava o mesmo nome do jornal fundado em 10 de abril de 1946 por José Oiticica.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As pautas e estratégias anarcossindicalistas presentes nos periódicos consultados sinteticamente eram: a defesa de sindicatos livres da interferência dos partidos, do Estado e patrões; o fim do imposto sindical compulsório e da estrutura sindical atrelada ao Estado; o fim da obrigatoriedade do serviço militar e o abstencionismo eleitoral. Além disso, defendem a greve econômica e a greve geral, como táticas/estratégias catalizadoras do poder de decisão da classe trabalhadora, não como um fim em si mesmas para obter conquistas parciais.

Segundo a lista de contatos publicada no jornal *O anarco sindicalista* na sua edição de novembro e dezembro de 1990, as organizações anarquistas em prol da reorganização da Confederação Operária Brasileira estavam presentes em seis estados: por meio da União Local de Porto Alegre, União de Trabalhadores de São Paulo, no Núcleo pró-COB da Bahia, no Núcleo Pró COB de João Pessoa, no Sindicato de Ofícios vários do Brasil¹⁰ e no Núcleo Pró COB de Curitiba.

O Mutirão

Em 1985, é fundado o que viria a ser uma incubadora de organizações e publicações anarquistas no Rio de Janeiro, o Círculo de Estudos Libertários. O espaço público criado após ao curso “Anarquismo, por novas formas de organização social”, realizará reuniões semanais na escola Senador Corrêa dando o impulso necessário a reorganização do Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO) em 1987, a criação do Grupo Anarquista Ação Direta (GAAD), do Coletivo Anarquista Estudantil 9 de Julho (CAE-9) e o grupo Mutirão (1991) e a importantes publicações como a Revista Utopia e ao Libera... Amore Mio (SILVA, 2018. Correa, 2012).

Segundo Penna (2010, p. 47) o Mutirão vai ser composto por militantes que participavam do CEL, que no ano de 1992 procuraram avançar politicamente com a tentativa de inserção social por meio da criação de um coletivo autogestionário no Bairro Campo Grande, para sistematizar a atuação naquela região. O Mutirão a partir das

¹⁰O termo sindicato de ofícios vários é usado pelos anarcossindicalistas para definir organizações de trabalhadores de distintos ofícios e ramos que se unem em uma organização quando não se tem um contingente de militantes o suficiente para se organizar por ramo ou por seus membros exercerem vários tipos de ofícios. O modelo organizacional de sindicato vários e por ramos federados na mesma organização é utilizado pela CNT espanhola, mas o anarcossindicalismo pós-ditadura militar vinha se desenvolvendo desde da metade dos anos 1980 no Brasil, não era a reprodução do modelo adotado pela CNT ou de um passado heroico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

iniciativas de articulação nacional entre grupos anarquistas e o acúmulo de suas experiências passa a militar no movimento de ocupação rurais em zonas urbanas, apoiando e/ou organizando algumas delas, como a Nova Canudos na Rua Mem de Sá, 261, no centro do Rio de Janeiro.

A ocupação Nova Canudos foi uma das primeiras ocupações organizadas com a participação direta de anarquistas na cidade do Rio de Janeiro, mas houve iniciativas anteriores como a ocupação Vila Bakunin, em Petrópolis em 1987. Além da participação nas ocupações O Mutirão em seu periódico reporta às lutas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), à violência estatal contra as ocupações e tece críticas ao sindicalismo feito pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Central Geral dos Trabalhadores (CGT), defendendo o sindicalismo revolucionário como uma alternativa para a organização da classe trabalhadora.

No jornal *O Mutirão* número 2 de maio e junho de 1991, foi publicada uma avaliação da greve geral realizada nos dias 22 e 23 de maio, para o coletivo anarquista a CUT e a CGT fizeram um simulacro de greve geral com o objetivo de resgatar politicamente a credibilidade das lideranças sindicais e partidos que até pouco tempo orientavam a classe trabalhadora para um pacto negociado com o governo Fernando Collor de Mello. O pequeno artigo de forma propositiva afirma que o combate ao atrelamento desse setor da esquerda com o Estado deve ser feito com a reconstrução do que chamam de “sindicalismo autêntico. Na edição número 3 de julho e agosto de 1991, o grupo deixa ainda mais explícito seu projeto político:

Continuamos a exigir: Sindicatos Livres, pois não entendemos o sindicato apenas como um instrumento de luta econômica, e sim como uma organização de trabalhadores na busca da AUTOGESTÃO SOCIAL, onde quem controla os meios de produção são os trabalhadores coletivamente organizados, com a perspectiva de mudança radical da sociedade; Menor Jornada de Trabalho, onde trabalharemos só o socialmente necessário, contra o embrutecimento do homem pela produção desmedida e manipulada; Educação Libertária onde os professores sejam os próprios trabalhadores. Enfim, uma sociedade igualitária, justa, fraterna e federalista onde não igualdade sem socialismo e não há socialismo sem igualdade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Oliveira (2017) o Mutirão se dissolve em 1993 e volta se articular em 1996, continuando o trabalho do Grupo Anarquista Ação Direta e no Jornal *O Mutirão*, participando do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e através do MST da Central de Movimentos Populares¹¹.

Em 1996, os militantes do Mutirão, vão estar entre os participantes da Construção Anarquista Brasileira que propõem:

(...) a criação de grupos orgânicos – “estrutura simples com poucos militantes, funcionando como embrião de uma organização – e a organização anarquista – com maior número de militantes, instâncias internas”, com a capacidade de se potencializar as lutas dos movimentos sociais sob princípios “a participação, livre acordo, apoio mútuo, autogestão, federalismo, internacionalismo, ação direta, autodefesa e posição classista” (ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA SOCIALISMO LIBERTÁRIO, 2010, p. 8). O objetivo era criar, em curto prazo (de 1996 a 2001) “instâncias específicas do anarquismo como força política organizada” em nível local, microrregional e estadual com o objetivo de constituir, em longo prazo, uma organização anarquista em nível nacional (OASL, 2010, p. 8) (SANTOS, 2020. p.323)

A tentativa de articular uma federação nacional de organizações anarquistas ocorre após os contatos entre militantes anarquistas brasileiros e da Federação Anarquista Uruguaí em 1995, dando origem a “Construção” a Organização Socialismo Libertário e que irá se transformar no Fórum do Anarquismo Organizado, reunindo organizações anarquistas com inserção em movimentos sociais em todas regiões brasileiras de 2002 a 2012.

Outros 500 e os Outros Nós.

Os “Outros 500: Pensamento Libertário Internacional” foi um dos acontecimentos mais importantes para o anarquismo brasileiro no ano de 1992. Realizado em

¹¹ A Central de Movimento Populares tem sua origem no sindicalismo dos anos 1980, segundo Sonia Regina Ribeiro de Carvalho (2007) entre os anos de 1980 a 1983, o objetivo principal da entidade foi a reorganização do movimento sindical, dando origem à Central Única dos Trabalhadores. Entre os anos de 1983 a 1989, CMP abriu espaço para os movimentos populares, passando a discutir a necessidade de sua unificação e constituindo, no final do período, a Pró-Central de Movimentos Populares. A CMP se consolida e é fundada no I Congresso Nacional de Movimentos Populares, realizado de 28 a 31 de outubro de 1993, realizado em Belo Horizonte (MG).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

contraposição às comemorações do aniversário dos 500 anos do descobrimento das Américas e da retórica do capitalismo ecologicamente sustentável da ECO 92¹². Realizado em São Paulo entre os dias 24 e 28 de agosto de 1992, contou com a presença de importantes intelectuais e militantes do campo anarquista e autonomista, tais como: Cornelius Castoriadis (França), Ronald Craig (EUA), Pietro Ferrua (Itália), Eduardo Colombo (França), Luce Fabri (Uruguai), Angel Cappeletti (Venezuela) e do Brasil, militantes históricos como Maurício Tragtenberg, Ideal Peres, Roberto Freire e Jaime Cubero. Ao término das atividades do encontro houve o ato contra as comemorações do dia do soldado chamado “Um Soldado, um Coitado!”

Os “Outros 500” além dos debates e trocas de experiências entre os anarquistas que dele participaram permitiu também uma conexão nacional por afinidade ideológica para autogerir iniciativas comuns. Entre elas estava a criação de um jornal em escala nacional com participação de maior número possível de grupos anarquistas, para essa tarefa a referência de contato foi Grupo Mutirão do Rio de Janeiro e a formação de uma rede de informações entre as organizações e indivíduos presentes no evento, conforme o relato de militantes de Aracaju, Assis, Florianópolis, Fortaleza, Guarulhos, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e outros locais.

A “outros nós” como foi chamada essa tentativa de organização de rede de informações entre organizações anarquistas tinha como objetivo a troca de informações entre os participantes e a sua divulgação por meio dos jornais, boletins, cartas, exposições e etc. Recomendava-se conforme o relato que assim que possível os grupos participantes que não tivessem suas publicações deveriam se organizar para tê-las e que os integrantes da rede deveriam compartilhar as listas de endereços e contatos entre os seus participantes.

Apesar da rede “outros nós” não conseguir efetivar a iniciativa de criação um jornal anarquista de alcance nacional, uma rede de publicações anarquistas foi composta pelo *LiberNete* de Florianópolis e Porto Alegre¹³, pelo *Boletim* do Grupo Via Ação Direta

12 A realização da ECO 92 no Rio de Janeiro, levaram o CELIP e a Revista Utopia lançar uma edição totalmente voltada para apresentar a perspectiva anarquista na ecologia social para se contrapor a perspectiva oficial do evento baseada no ambientalismo liberal.

13 Boletim publicado pelo Coletivo de Informações das cidades de Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) com a finalidade de divulgar o anarquismo no Brasil. Apresenta em suas edições assuntos ligados à política,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(GRAVIDA) de Curitiba, *Anarco*, um boletim informativo do Movimento Anarcopunk de São Luiz do Maranhão, *Liberô Geral*¹⁴ de São Paulo, que acabou se afrouxando, porém o seu maior impulsionador o *Libera ... amore mio* vai assumir essa função como rede de informações (OLIVEIRA, 2017).

A criação de redes de informações como a “Outros Nós” e o *Libera... amore mio*, estimularam a articulação entre militantes semelhante ao que ocorrera na primeira onda do anarquismo, em uma conjuntura muito diferente e anterior a popularização da internet no Brasil; sendo que foi praticamente no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, que o acesso facilitado a internet permitiu ampliação em larga escala da conexão das organizações libertárias brasileiras com as redes ativistas internacionais como o Centro de Mídia Independente que utilizam as tecnologias de informação e comunicação como forma de organização e ativismo (SANTOS, 2010).

Os coletivos de imprensa dos anos 1990, funcionavam como uma rede de núcleos aglutinadores de militantes para produção de conteúdo, difusão e organização das atividades para além da editoração, como as panfletagens e protestos de rua no dia primeiro de maio, campanhas de solidariedade a militantes perseguidos, contra repressão aos movimentos sociais e a organização e divulgação de eventos libertários em escala regional, nacional e internacional. Os fanzines, apesar de terem surgido antes do movimento punk, nos anos 1990 vão se tornar ferramentas apropriadas por jovens das classes oprimidas associados aos circuitos de produção cultural libertária difundindo novas abordagens sobre o feminismo¹⁵, liberação animal e meio ambiente no meio anarquista.

cultura, movimento punk, questão indígena, grupos neofascistas, ecologia, nudismo, naturismo, voto nulo, arte e formas de expressão, educação e pedagogia libertária, entre outros.

14 O Boletim é o órgão de divulgação do Nó (Núcleo de correspondência de SP). Formado por anarquistas de diversas cidades do estado de São Paulo que se utilizavam do periódico para criar uma rede de correspondência entre anarquistas e simpatizantes da região.

15 Recomendamos a leitura da tese de doutorado da historiadora. Gabriela Miranda Marques: **(Re)intervenção do anarcofeminismo: anarcofeministas na cena punk (1990-2012)**, realizada Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174678>. Consulta: 9 nov.2019, e do artigo escrito por Michelle Alcantara de Camargo 'Manifeste-se, faça um zine!': uma etnografia sobre 'zines de papel' feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). Cadernos Pagu, Campinas, v.36. p.155-186, 2011.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A seção de notícias anarquistas do *Libera... Amore Mio* utilizado aqui como uma das nossas fontes complementares, entre os anos de 1992 a 1994¹⁶, por exemplo, reporta atividades anarquistas em diversas regiões do país. Ainda que não se possa dar mais detalhes sobre as atividades e a influência de cada grupo nos seus respectivos locais de atuação, os dados demonstram que a fase de crescimento do interesse pelo anarquismo e suas organizações se mantém expressiva para além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Entre as atividades como encontros, lançamento de periódicos, criação de espaços libertários e campanhas de solidariedade destacamos: o primeiro Encontro de Grupos Anarquistas do Rio Grande do Sul (ENCANA-SUL) com participação de grupos anarquistas de Porto Alegre, Guaíba e Pelotas, o lançamento do *Jornal Ovelha Negra* editorado pelo Coletivo Ovelha Negra e pelo Núcleo Pró-COB de Belém, o início das atividades do Núcleo de Estudos Libertários do Amazonas e a formação do Movimento Anarcopunk de São Luís, que na época fazia uma abaixo-assinado contra o alistamento militar obrigatório, o Grupo Anarquista de Mobilização e Ação de Juiz de Fora, que se colocava à disposição para troca de informações para realização de um acampamento libertário, o Encontro Ecológico em Guaramirim (SC), as atividades do Grupo Macunaíma de Feira de Santana, e as campanhas do Voto Nulo organizadas pelo movimento anarcopunk de João Pessoa e Florianópolis.

Ainda nesse período: a preparação para o encontro organizado pela Núcleo Coletivo de Consciência Libertária de Fortaleza, a Conferência dos Núcleo Pró-COB de Curitiba para organizar a campanha contra a privatização da Ultrafértil, o Encontro Punk Paraná II que reuniu em Curitiba coletivos do Movimento Anarcopunk daquele estado, Florianópolis, Piçarras, São Paulo, Rio de Janeiro, Cuiabá e Natal; o I encontro Anarco-Cultural em João Pessoa nos dias 23 e 24 de janeiro, contando com a participação dos Movimento Anarco Punk de Natal e Campina Grande, e a campanha contra extradição

¹⁶ O *Libera... Amore Mio*, o jornal anarquista brasileiro mais duradouro da história, tendo completado, em 2021, 30 anos de publicação ininterruptos é uma rica fonte de dados sobre o anarquismo e suas correntes é ainda pouco explorada no Brasil, de acordo com João Henrique Castro de Oliveira (2017) apenas duas dissertações tiveram o jornal análise específica e como fonte de dados complementar. Mariana Affonso Penna. *Socialistas Libertários e lutas sociais no Rio de Janeiro: memórias, trajetórias e práticas*. (1985-2009). Alessandro de Oliveira Campos (2007) *Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do anarquista italiano Pasquale Valitutti, condenado a 10 anos de prisão na Itália pela suposta autoria de um assassinato de um homem nos anos 1970.

De acordo com João Henrique Castro de Oliveira (2017) a coluna destinada aos contatos do *Libera ... Amore Mio*, de 1991 passou de cinco contatos (Grupo Utopia, do Grupo Anarquista José Oiticica, GAAD e Mutirão) e de cerca de 200 a 300 exemplares do jornal nesse ano, para 1000 exemplares no ano de 1994, e uma lista de contatos com 14 grupos em atuação depois do primeiro lançamento¹⁷. Para o autor, apesar do número crescente de organizações não indicar que o movimento anarquista estava crescendo a ponto de ameaçar a tecnocracia capitalista com uma revolução, mas demonstra, pelo menos, a eficácia do Jornal *Libera amore... mio* em manter contatos em rede com laços dinâmicos, por vezes voláteis, mas que potencializavam a troca de informações nacionalmente.

Conclusão

Apesar de narrarmos uma trajetória do anarquismo brasileiro enfatizando as relações geracionais e intergeracionais, práticas distintas de difusão da ideologia anarquista se complementam. Não pretendemos com isso vincular todas as trajetórias de militantes anarquistas, do fim dos anos 1980 e anos 1990, ao anarcopunk ou às contraculturas libertárias. Os segmentos juvenis se diferenciam entre si, o contato com a ideologia anarquista deu-se de diferentes formas e espaços, e, nem todas as trajetórias de militantes desse período passaram pelo movimento punk, apesar da circulação de militantes anarquistas em espaços contraculturais ser bastante grande, até hoje. O nosso embate aqui é com a dureza de críticas à contracultura como sempre limitadora de uma atuação libertária para além dos seus adeptos, utilizando como argumento de que as subculturas reproduzem apenas uma rebeldia meramente estética intrinsecamente atrelada aos valores individualistas da indústria cultural.

17 Grupo Ruptura Libertária (GRL), de Cabo Frio/RJ; Centro de Cultura Social (CCS), de São Paulo/SP; União Libertária de Minas Gerais (ULMG), de Três Corações/MG; Grupo Via Direta de Ação (Gravida), de Curitiba/PR; Movimento Anarco-Punk (MAP), de Florianópolis/SC; Centro de Cultura Social (CCS), da Paraíba; Associação em Prol do Pensamento Libertário (APPL), de Salvador/BA; Juventude Libertária (JL), de Porto Alegre/RS; Centro de Cultura Libertária (CCL), de Belém/PA; Coletivo Anarco-Feminista (CAF), de Guarulhos/SP; União Libertária da Baixada Santista (ULBS), de Santos/SP; e União Libertária (UL), de Campinas/SP. Se compararmos com o primeiro *Libera*, no qual saíram endereços de cinco grupos (Utopia, GAJO, GAAD, Mutirão e Vira Lata) existe um aumento bastante grande no número de publicações e coletivos de produzindo conteúdo.(CASTRO DE OLIVEIRA. 2017, p. 384).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A crítica à contracultura, como reprodutora do ideário liberal no meio anarquista, quando feita de forma mecânica prejudica os sujeitos em transição para vida adulta, pois os leva a uma fixidez intransponível fadada a adaptação ao sistema de dominação capitalista/estatal ou reduz o anarquismo a um único modelo organizacional. Esse não é o único problema, tendo em vista que de certa forma os aspectos que definem a identidade são constituídos de forma relacional e precárias, caracterizados por sua incompletude. Ainda que possamos lançar um olhar para subculturas urbanas elencando seus aspectos de indústria cultural difusa, ambas globalizadas, a participação política não pode ser reduzida a uma identidade fixa e estática.

As experiências, pertencimentos múltiplos e engajamentos em diferentes pautas reivindicatórias de militantes está relacionada ao fato de que no Brasil, as desigualdades de classe etnia e gênero são estruturais e estruturantes nas instituições e, também, pelos militantes pertencerem a essas minorias produzidas pelas assimetrias de poder do sistema de dominação capitalista e estatal. Os múltiplos engajamentos produzem uma circulação desses militantes anarquistas que criam vínculos de solidariedade e redes sociais com setores dos movimentos sociais e das classes das oprimidas que fazem parte, ou não.

Os motivos pelo quais o anarquismo brasileiro possui nesse primeiro ciclo organizacional uma composição juvenil, na sua grande maioria com pouco acúmulo prático e teórico sobre o anarquismo, tem uma relação direta com a perda da sua influência no movimento operário nas décadas anteriores, a hegemonia de um anarquismo com a influência política dos sujeitos políticos forjados no ciclo de lutas do fim dos anos 1970, que darão origem à CUT, UNE (reestruturada) e ao MST, sujeitos históricos importantes no pós-ditadura e nas lutas contra a onda neoliberal dos anos 1990.

O anarquismo em espectro mais amplo, para se tornar uma alternativa e influenciar de forma consistente as classes oprimidas e exploradas que diz representar e busca direcionar enquanto classe social, terá tal como seus adversários no campo político, responder as questões relativas à *democratização* (FLACKS, 2005), como o alargamento da base social por raça, etnicidade e gênero, a sua organização interna em relação às esferas de participação nos processos, as clivagens militante e cotidiano, avaliar suas estratégias e táticas conforme a estrutura social e conjunturas específicas nos territórios.

Referências Bibliográficas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CAMPOS, Alessandro de Oliveira (2007) **Identidade ativista e autonomia: o Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. PUC/SP. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17180/1/Alessandro%20de%20Oliveira%20Campos.pdf>. Acesso em: 9 de junho. 2021.
- CORREA, Felipe. **Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- INSTITUTO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS (IEL). **Entrevista com o Centro de Cultura Social -São Paulo**. 2018. Disponível em: <https://anarcopunk.org/v1/2018/01/entrevista-com-o-centro-de-cultura-social-sao-paulo/>. Acesso em: 10 maio 2021.
- MANFREDONIA, Gaetano. **Anarchisme et changement social : insurrectionnalisme, syndicalisme, éducationnisme-réalisateur**. Disponível em: <http://www.sudoc.abes.fr/xslt/DB=2.1//SRCH?IKT=12&TRM=118844407&COOKIE=U10178,Klecteurweb,I250,B341720009+,SY,NLECTEUR+WEBOPC,D2.1,E34a01cca-1,A,H,R189.4.83.199,FY>. Acesso em: 6 junho. 2021.
- NASCIMENTO, Rogério. **Anarcopunk no Nordeste**. 2017. Disponível: <https://anarcopunk.org/v1/2017/05/anarcopunk-no-nordeste/>. Consulta: 20/06/2021
- OLIVEIRA, João Henrique Castro de. **Libera... Amore Mio. Imprensa Anarquista e Imprensa Contra-hegêmonica em tempos de consenso neoliberal (1991-2011)**. 2017. Tese. (Doutorado em História Contemporânea) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
- PENNA, Mariana Affonso. **Socialistas Libertários e lutas sociais no Rio de Janeiro: memórias, trajetórias e práticas. (1985-2009)**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1394.pdf>. Acesso em: 09 de junho 2021.
- RIBEIRO, Eduardo. Uma história oral do anarcopunk em São Paulo. **Revista Vice**, online 13 jul. 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/bjvx5m/historia-oral-anarcopunk-parte-1. Acesso em: 10 jun. 2021.
- RUDY, Antônio C. **Os Silêncios da Escrita: a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias (1960 – 2000)**. 2009 . Dissertação (Mestrado em História) Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- SANTOS, Carlos André dos. A
- SANTOS, Carlos André dos. **A Rebelião por trás das lentes: participação política juvenil no Centro de Mídia Independente no Brasil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2010.
- SILVA, Rafael Viana da. Ideias, crítica e combate: o anarquismo na ditadura militar brasileira (1964-1985). In. SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (org.). **História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil**. Paraná: Editora Prismas, 2018.
- WALT, Lucien van der. De Volta para o Futuro: a retomada e a relevância do anarquismo, do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário para a esquerda e os movimentos de trabalhadores do século XXI. 2019. Disponível em:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<https://ithanarquista.wordpress.com/2019/07/12/lucien-van-der-walt-de-volta-para-o-futuro/>. Consulta: 18/06/2021.